JOAQUIM DE CARVALHO

Prof. da Universidade de Coimbra
Sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa

UMA EPÍSTOLA

DE

NICOLAU CLENARDO

A

FERNANDO COLOMBO

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1926

Sala 5
Gab. 57
Est.
Tab. 6
N.º 80

DO AUTOR

COMO RESULTADO DUMA MISSÃO DE ESTUDO
NA BIBLIOTECA COLUMBINA DE SEVILHA

Excerpta Bibliographica ex Bibliotheca Columbina. Coimbra, 1925.
Uma epistola de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo. Coimbra, 1926.

Para o prelo:

Abrão Zacuto — De la influencia del cielo. Edição dêste tratado astrológico inédito, precedida dum prefácio.
Pedro Margalho — Vida, obras e exame das suas ideas scientíficas e filosóficas.
Fr. Gomes de Lisboa e o averroismo paduano.

JOAQUIM DE CARVALHO

Prof. da Universidade de Coimbra
Sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa

UMA EPÍSTOLA

DE

NICOLAU CLENARDO

A

FERNANDO COLOMBO

COIMBRA
Imprensa da Universidade
1926

Separata de «*O Instituto*», vol. 73.º, n.º 2

À MEMÓRIA

DE

D. Adolfo Bonilla y San Martín

Professor da Universidade de Madrid

Foram estas páginas escritas em Dezembro de 1924 e por então remetidas à comissão promotora da Homenaje a D. Adolfo Bonilla y San Martín. *Ao relê-las agora, corrijo-as levemente, e dilato umas notas.*

Escrevi-as com espírito gentil e ánimo reverente ao saber e à amizade do insigne colega da madrilena Faculdade de Filosofia e Letras, acorrendo ao convite que camaradas de estudo e profissão me faziam para conviver naquele livro gratulatório.

Volvidos treze mêses, eis que o que deveria ser intelectual sodalício se converte abruptamente em lastimosa evocação.

¡Já não labuta aquele coração infatigavel, já não arde aquela mente do Mirandola *espanhol!*

¡Que uma mãe espanhola regale a sua pátria com o sucessor de Bonilla!

Coimbra, 30 de Janeiro de 1926.

UMA EPÍSTOLA DE NICOLAU CLENARDO A FERNANDO COLOMBO

Na Biblioteca Columbina de Sevilha, que, a-pesar-das injúrias do tempo e dos homens, constitue ainda hoje um precioso repositório de incunábulos e edições quinhentistas, existe um livro sôbre o qual, cremos, nunca incidiu a atenção esclarecida dum estudioso da cultura peninsular. Êsse livro é: *T. Livij Pataui / ni Historici, ab vrbe condita de / cadis prime / liber. j. ad vti / litatem studiosorum, in / formam enchiridij / redactus. / Additus index vo- / cabulorum insigniū, vnde usus lin / gue latine facilius percipi possit.*

Em 8.º got. de IV-104-16, asign. a-i, 27 l. p. pag. *Impressum Salmantice in edibus Joannis Junte bibliopole. M. D. xxxiii. Cal. Junii.*

D. Simón de la Rosa y López refere-o no *Catálogo de la Columbina*, (1) aditando esta nota: «Está el interés principal de este libro en que fué formado expresamente para la instrucción del joven don Luis de Toledo en la Universidad de Salamanca por Nicolás Cleynaerts, aquel sabio hebraista y helenista de Lovaina, después de haber recorrido con don Fernando Colón las ciudades principales de Alemania,

(1) Vid. *Biblioteca Colombina. Catálogo de sus libros impressos,* ... t. IV. (Sevilla), pág. 302-5. Harrisse, que tão sábia e diligentemente trabalhou na Columbina, não o aponta nos livros que pudemos consultar.

y sido testigo presencial de los muchos trabajos y peligros que corrió éste comprando libros para formar su librería de Sevilla, vino a instancias del mismo a cultivar las ciencias arábigas, a enseñar las letras griegas en el Estudio Salmantino y a encargar-se de la educación del noble descendiente de los Toledo. Creemos de no pequeña oportunidad dar a conocer la epístola dedicatoria que escribió el mismo Cleynaerts, al principio del libro, expresamente dirigida a don Fernando Colón, por referirse al inmortal almirante descubridor del Nuevo Mundo, a las excelsas cualidades del mismo don Fernando, a la magnificencia de la casa y biblioteca de éste en Sevilla, al obispo de Córdoba Fr. Juan de Toledo, hijo de los duques de Alba, y al estado floreciente de la Universidad de Salamanca, que por confesión de tan autorizado escritor, podia entonces competir fácilmente con las más notables de otras naciones... (1).

...D. Fernando Colón de su letra dejó escrita al dorso de la hoja final de este libro la seguiente nota: *Hunc librum misit mihi nicolaus clenardus anno 1534.* Num. 13.175.» Foi esta indicação — concisa e com algumas inexactidões — do prestimoso bibliotecário que nos despertou a curiosidade de o examinar e, com prazer, a breve trecho, verificavamos que enriquecia notavelmente a bibliografia de Nicolau Clenardo, a colectânea das suas epístolas, de par que esclarecia alguns aspectos da sua actividade cultural em Salamanca, relativamente pouco conhecida. Todos os leitores das cartas do humanista diestense, das quais, pelo que a Portugal respeita, possuimos hoje uma tersa tradução (2), ou os conhecedores da sua biografia de cavaleiro andante das humanidades e mártir da «cruzada pacifica» contra o Alcorão, que a morte

(1) Transcreve a seguir uns trechos da epístola.

(2) Vid. Dr. Gonçalves Cerejeira, *O renascimento em Portugal. Clenardo.* Com a tradução das suas principais causas, vol. II, (Coimbra, 1918).

lhe não consentiu desenvolver e dilatar, não ignoram que Clenardo, em 1531, trocou Lovaina pela Espanha.

A fama do seu saber linguístico atraira alguns portugueses cultos, como o insigne André de Resende e fr. Roque de Almeida, a quem, em Paris, respectivamente ensinou o grego, e, ao último, além, desta língua, o hebreu (1). A Roque de Almeida, um dos raros averroistas paduanos que a cultura lusitana conta, confessa Clenardo dever a idea de um dia poder vir a Espanha, ao assegurar-lhe, em Lovaina, que em Salamanca se ensinavam as línguas sábias, entre elas o árabe, cujo estudo atraía o curioso espírito do filólogo brabantino (2).

Esta informação, um pouco leviana, escandecera a imaginação de Clenardo, e talvez nunca passasse de irrealisavel aspiração se o acaso feliz lhe não tivesse proporcionado o conhecimento de Fernando Colombo. Êste diligentissimo bibliófilo, herdeiro dum dos mais gloriosos nomes da huma-

---

(1) Pelo que respeita a Resende, a fonte é uma passagem da *Oratio pro rostris*, proferida na Universidade de Lisboa em 1 de Outubro de 1534: «*Vidi ego in celebri Parrhisiorum academia sub hoc Nicolao Clenardo, qui erudiendo Henrico principi, regia liberalitate in Lusitaniam est adcitus, senes quinquaginta annis maiores, prima graecarum literarum fundamenta jecisse, et gnaviter nec sine laude fuisse progressos*». Braancamp Freire, honra e lustre da erudição portuguesa, propoz para esta aprendizagem a data de 1528 (*Noticias da vida de André de Resende in-Archivo Historico Portuguez*, vol. IX, pág. 323 e 268); mas Gonçalves Cerejeira com boas razões prova, na esteira de Chauvin (e Roersch) — *Étude sur la vie et les Travaux de Nicolas Clénard*, in-t. LX das *Mémoires couronnés et autres mémoires publiés par l'Academie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts en Belgique*, (1900-1901) págs. 13 e seg., — que só poderia ter tido lugar em 1530, cf. *O Renascimento em Portugal-Clenardo*, I. Coimbra, 1917, pág. 28-q. *n.* Quanto a R. de Almeida a fonte é a epístola de Clenardo *Ad christianos*... Vid. *Nic. Clenardi Epistolarum lib. duo.* Antuérpia, 1566, pág. 229.

(2) *Epist. ad christianos, ed. cit.*, pág. 239.

nidade e continuador dêsses heróicos renascentes italianos cujo ardor espiritual não cedia aos perigos e intempéries das viagens, achava-se pela terceira vez em Lovaina, no verão de 1531 (1), na esperança de enriquecer a sua livraria e sobretudo, associar alguns sábios às suas investigações. O douto filho do obscuro diestense Pedro de Beca era o homem que lhe convinha, e guiado pela mão amiga de André de Resende, apresentou-se um dia na própria aula do insigne professor (2). Não chegou até nós o éco desta entrevista, mas é lícito supor que Colombo o tivesse seduzido com a promessa de lhe cometer a secção árabe da sua livraria, facultando-lhe os meios de aprofundar o estudo desta língua, que a curiosidade de filólogo aliada à fé do crente lhe impunham como necessária ao proselitismo a que aspirava devotar-se (3). Os

(1) F. Colombo esteve em Lovaina, em 7 de Outubro de 1520, quando foi a Flandres na comitiva de Carlos V (cf. Bonilla y San Martín, *Luis Vives y la filosofia del renacimiento*, Madrid, 1903, pág. 100) e em Fevereiro e Abril de 1522 (cf. Harrisse, *Excerpta Colombiniana*, Paris, 1887, pág. 13).

(2) «Sed ut coeperam, cum venisset Colon Lovanium, comparaturus et illic ornamenta suae bibliothecae, communicatis consiliis cum Poeta Resendio, homine multis nominibus mihi colendo, animum sibi esse dixit, ut quempiam honesto salario secum abduceret in Baeticam, cuius et iudicio in libris, et socio queat uti in studiis. Resendius, qui saepe mihi praedicasset Lusitaniam, et per iocum aliquando vaticinatus esset me illuc concessurum, ansam praehendit a patria divellendi Clenardi, opinatus non desideraturum se artes mei pelliciendi in Lusitaniam, si semel intrassem Hispaniam. Quare hominem secum adducit in auditorium, ubi enarrabam Chrysostomum de sacerdotali dignitate, peractaque lectione, statim mihi proposita est conditio, et paucis interiectis diebus accingimur profectioni Hispaniensi. Facile namque res transacta est, cum et sitirem Arabica, nec alia ratione liberari possem a litibus.» *Epistola ad christianos, ed. cit.*, págs. 232-3.

(3) Quando ergo in Arabismum reuoluta est mea peregrinatio, non me mouit quod auctor dicerer professionis Arabicae, non ut medicis operam proeberem restituendo Auicenna, aut Philosophis corrigendo

desejos de Colombo foram satisfeitos, e ao fim de alguns dias estava fechado o contracto, pelo qual Clenardo, assim como João Vaseu, mais tarde, em 1535, bibliotecário da *Columbina* (1), então designada pela *Fernandina*, se comprometia a permanecer em Sevilha, como seu hóspede, durante três anos, com retribuição igual à que receberia em Lovaina (2).

Foi, pois, Fernando Colombo quem o decidiu a vir à Peninsula e na sua companhia, na de João Vaseu e dum palafreneiro, em Outubro de 1531, entre as ironias e críticas dos amigos abandona, mal diria que para sempre, o «dulce Lovanium». Entrando em Espanha em 12 ou 13 de Novembro, *(postridie divi Martini)* esta sábia caravana, à qual se juntaram em França João Hammonio e um criado francês, passa por Vitória, Burgos, Valladolid e detem-se uns dias em Medina del Campo, onde então assistia a côrte de Isabel e se encontrava a «vi-reina de las Indias», D. Maria de Toledo, cunhada de Fernando Colombo. O itinerário marcado impunha a partida para Sevilha; mas o filho do descobridor da América altera-o, vindo a Salamanca, porque «ipse fraterno nomine rem habebat controuersam, et Jurisconsultos adire volebat, quos tenet Salmantica doctissimos» (3). A-pesar-desta concisão de Cle-

---

Auerroe, sed hoc tantum ante oculos fero, ut quemadmodum contra caeteros haereticos scribunt latine, sic adversus Machometistas stylum stringerem Arabicum». (Epist. *Iacobo Latomo*, de 9 de Abril de 1541, ed. cit. pág. 43). Repete esta idea em várias cartas, designadamente na epístola *Reverendo Domino Abbati Tongelarensi D. Arnoldo Streyterio*, de 12 de Abril de 1541, também de Fez, e na *Epistola ad christianos*, etc.

(1) Harrisse, *ob. cit.*, pág. 13.

(2) Chauvin et Roersch, *ob. cit.*, pág. 23. Aquele acurado mas não exaustivo biógrafo de Clenardo cita as respetivas passagens das Epístolas que fundamentam estas afirmações. Para êste estudo remetemos o leitor.

(3) *Epist. ad christianos, ed. cit.*, pág. 234.

nardo, temos por sem dúvida que o motivo desta demanda se deve filiar nos «pleitos de Colón», cuja solução, interessando sobretudo D. Maria de Toledo, afectava também os interêsses de seu cunhado, além de que se aproximava a hora da sentença, que veio a proferir-se em 27 de Agôsto de 1534 (1). Clenardo acompanha o seu «*egregius patronus*» e uma vez na velha cidade universitária, lembrando-se da informação de Roque de Almeida, procura um mestre de árabe e desde logo se relaciona com alguns dos sábios que fizeram de Salamanca um lugar de peregrinação espiritual de todo o peninsular culto. Basta recordar Scilicco e, sobretudo, o dominicano Francisco de Vitória. Tudo o seduzia na famosa cidade do Tormes: as nobres inquietações de espírito, o ardor dos estudos clássicos, — de que na carta adeante publicada faz tão levantado elogio, — e as relações pessoais. O seu contracto com F. Colombo, porém, proibitivamente lhe impunha uma discreta reserva às propostas de se incorporar na galaria ilustre dos mestres de Salamanca, da qual só veiu a fazer parte como catedrático quási nas vesperas da sua partida para Portugal. O que os novos amigos não conseguiram, alcançou-o D. João de Toledo, então bispo de Cordova e mais tarde de Burgos. Êste prelado, de tão egrégia estirpe, a quem preocupava a educação literária de seu sobrinho D. Luís de Toledo, filho do Vice-Rei de Nápoles, D. Pedro, conseguiu que Clenardo a dirijisse, obtendo de Fernando Colombo a rescisão ami-

(1) Chauvin (*ob. cit.*, pág. 25-6) e G. Cerejeira (*ob. cit.*, I, cap. III). relatam os episódios da viagem. Foi a leitura dos «pleitos de Colón» que nos sugeriu a hipótese explicativa da ida a Salamanca. Cf. Harrisse, *ob. cit.*, pág. 18, e a pág. IX da introdução de C. F. Duro ao t. I. *De los pleitos de Colón*. T. VII da *Colección de docs inéditos relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antiguas posesiones españolas de ultramar*. Madrid, 1892.

gavel do contracto. Não foi, porém, sem condições que Colombo anuiu, porque se Clenardo não obtivesse no praso de seis mezes uma cátedra na Universidade pagar-lhe hia uma indemnisação de 60 cruzados — o que efectivamente fez por intermédio de João Vaseu. ¿O que ensinou Clenardo ao seu fidalgo discípulo, e com que método? Clenardo não foi apenas um profundo conhecedor das linguas sábias, mas um pedagogo, a cujas ideas e processos muito deve o humanismo português, reorganizando o «estudo das línguas mortas em Portugal» (1).

Particularmente em relação ao latim, há passagens das *Epistolae* que constituem uma teoria do ensino desta língua, destacando-se entre tôdas a carta a João Vaseu, de 18 de Agôsto de 1537, segundo a cronologia estabelecida pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos (2). Por isso se compreende que com a própria correspondência clenardiana Henrique Mameranus organizasse o «*Nova Methodus docendi pueros analphabeticos, breve omnino temporis spatio Latine loqui, praesertim intra priuatos parietes. Item, praeceptiones aliquot latinae linguae exercendae perutiles, per Nicolaum Clenardum, trium Linguarum peritissimum, earundemque foelicissimum praeceptorem, olim editae.* Francofurti. Apud Nicolaum Bassaeum. *MDLxxvl.*»

Independentemente das considerações pedagógicas sôbre

(1) Vid., Joaquim de Vasconcellos, *As cartas latinas de Damião de Gois*. Coimbra, 1901, pág. 6. (É separata de *O Instituto*, vol. XLVIII).

(2) Êste insigne erudito, que à história da arte e do humanismo lusitano consagrou tão notáveis estudos, preparou uma edição das Epístolas de Clenardo, que ainda não viu a luz da publicidade. As fôlhas impressas existem na Biblioteca da Universidade de Coimbra, onde as examinamos. As cartas são ordenadas cronológicamente. Essa edição leva o seguinte título ms.: *Nic. Clenardi Epistolarum Libi Duo. In fine ejusdem Peregrinationum, ac de rebus Machometicis Epistolae elegantissimae. Ed. nov. emendata et aucta curavit J. de V.* Pôrto, 1912.

o latim, que deveriam ter levado Massebiau (1) a incluir Clenardo entre os defensores mais ilustres do método dos colóquios, o diserto epistológrafo escreveu umas *Institutiones Grammaticae latinae,* liberalmente impressas em 1538 para benefício da mocidade bracarense (2). Destes testemunhos,

---

(1) *Les colloques scolaires du seizième siècle et leurs auteurs.* (1480--1570). Paris, 1878.

(2) Esta edição é hoje *introuvable.* Há, porém, uma 2.ª edição de Coimbra, 1546. Vid. A. Filipe Simões, *Uma edição desconhecida das Instituições de Gramatica Latina de Nicolau Clenardo,* in-*O Conimbricense,* n.º 2.213, (1868) — artigo que escapou à benemérita solicitude do compilador dos *Escriptos Diversos* (Coimbra, 1888) do culto e inditoso professor coimbrão, ao tempo bibliotecário eborense.

Filipe Simões, além de ter indicado a rara edição, da qual encontrou um exemplar na Biblioteca de Évora, aditou a esta preciosa notícia a versão da epistola de João Vaseu ao Senado e povo de Diest, a qual abre esta edição. Porque se trata dum precioso documento biográfico, sem embargo da recente e mais elegante tradução de Martins Capela (Cf. Gonçalves Cerejeira, *ob. cit.,* II, (152-3), e pela raridade de *O Conimbricense,* reproduzimo-la a seguir: «*João Vaseu de Bruges* ao *Senado e Povo de Diest.* Tendo sido, varões ilustrissimos, encarregado pelo vosso senatus consulto, que fizesse chegar ao poder dos pais e herdeiros do vosso concidadão Nicolau Clenardo tudo o que ficasse por seu falecimento, nisto mostrei a diligência, que sem dúvida espero facilmente provarvos. Mas Clenardo, como homem que mais cuidadoso era do comodo público que do seu particular, mostrando sempre menos consideração por essas riquezas transitórias e caducas, aplicou-se mais a enriquecer o espírito com os variados tesouros das línguas e das sciências, e com os monumentos do seu engenho a servir de proveito a seus pais e pósteros, do que a deixar aos seus herdeiros soma avultadissima: e êle vo-lo certificaria e ao mundo todo, se não o viesse estorvar de pretensões tão pias a morte prematura. E para satisfazer completamente aos vossos desejos com a maior diligência busquei as suas produções literárias. Mas nem por isso consegui muito; porque dispoz em testamento que tudo o que não pudesse constituir um livro, fosse entregue às chamas. «Todavia auxiliado por amigos alguma coisa encontrei, mas não obstante imperfeito e mutilado. Se posteriormente poder achar coisa perfeita, logo vos farei parte. E já Pedro de Beca, do vosso município

importantes por mais dum conceito, interessa apenas ao nosso objectivo acentuar que Clenardo defendia ardorosamente o colóquio como método de aprendizagem, e preconizava a leitura directa de certos autores latinos como forma

---

e pai de Clenardo, me pediu instantemente em duas cartas que lhe mandasse ao menos como alívio de dor e saüdade alguma produção literária de seu filho, elucubrada na Espanha, e em satisfação da sua vontade, entendi que lhe devia mandar as *Instituições de Gramática Latina*, as quais havia composto para beneficiar a mocidade bracarense, quando lançou os fundamentos literários e de professor de teologia foi por alguns meses nomeado professor de gramática da nova escola, á custa de tantas despezas e disvelo preparada pelo muito piedoso e muito patriota D. Henrique, infante de Portugal, então arcebispo de Braga e hoje de Lisboa e cardial da santa Igreja romana. E com efeito seguiu elle o exemplo de S. Jerónimo que se não recusava a dirigir as creanças nos seus estudos infantis. Conhecendo portanto que de muita utilidade têm sido para a infancia estas *Instituições* primeiramente em Braga e depois em Évora, e porque Clenardo me rogara com freqüencia que as examinasse e lhes tirasse ou acrescentasse o que melhor me parecesse, me resolvi a fazer aos seus manes o que muitas vezes lhe tinha negado em vida. Tornei com o maior cuidado a ler cada uma das suas partes, e muito pouco lhes acrescentei. Ainda que me cale, estas *Instituições* dirão quão resumidamente incluiu nelas todos os preceitos gramáticos, e quantos outros tenha ajuntado segundo as observações dos autores e até hoje não tocados nos vários tesouros da língua grega.

«Alem disto acrescentei alguns preceitos dele mesmo sôbre o modo de ensinar e praticar a língua latina, nos quais se se não vir sempre observada a ordem, ou se alguns forem muitas vezes repetidos, não ha que admirar, sendo diversos os fragmentos das cartas que de quando em quando me escreveu acerca destas coisas em quanto na Academia [Universidade] de Salamanca ensinava como professor público as letras gregas e latinas. Pareceu-me portanto fazer coisa útil, comunicando-vos e à mocidade de Diest estas coisas, para que excitada pelos estímulos e exemplos do seu compatriota, atinja com mais ardente empenho a perfeição literária. E se conhecer que lançais tudo isto à boa parte, será para mim mais que bastante incitamento, para que se alguma elucubração dêle existe em alguma parte, com maior diligência a busque, e logo a transmita. Tende Saude. Escrita em Évora aos 16 dias de Agôsto do

de despertar o interêsse no espírito dos alunos. Escrevendo a João Vaseu, assegurava-lhe, não sem contentamento, o valor prático destas ideas; e na carta adeante publicada, a excelencia do método, vagamente confundida com a aptidão do discípulo, é bem manifesta, porque ao fim de quatro mezes D. Luís de Toledo já era capaz de recitar um discurso na língua do Lácio. Clenardo começou, pois, por praticar com o joven discípulo o latim, não lhe falando outra língua e insinuando-lhe gradual e socraticamente as declinações, as conjugações e as regras da sintaxe. Este método não dispensava a leitura dum livro clássico, antes o impunha num momento adequado em que, já familiar com a língua, o discípulo podesse compreende-lo como obra viva e actual. O livro da sua preferência foram as *Décadas* de Tito Lívio. Duas passagens das Epistolas, em que até hoje, segundo cremos, nenhum biógrafo atentou devidamente, levavam fundadamente à suspeita de que Clenardo ligara o seu nome, como pedagogo e como editor, à obra do historiador romano. Na carta citada a João Vaseu *de modo docendi pueros* extranhava que se admirassem de explicar a D. Luís de Toledo, aliás com formosos resultados, Tito Lívio: «Quam mirabantur quod D. Ludouico enarrarem Liuium! Et tamen res processit pulcherrime» (1). E ao mesmo fraterno amigo, em carta datada de Évora *die Sabbathi post festum Michaelis, non enim libit inspicere Calendarium* (3-10-1535), dizia: «Si Liuium leges, omnino trades librum primum, etiam si alius quispiam eum docuerit, tum quod apud Iuntam bibliopolam exemplaria sint plurima tempore meo, ut scis, excusa,

---

ano de 1546.» O Sr. Joaquim de Vasconcellos, na colectanea citada (pág. 255-6), publicou o texto latino desta epístola. Êste erudito informou Chauvin da existência da edição conimbricense das *Instituições* nas bibliotecas do Pôrto e da Ajuda. (Cf. Chauvin, *ob. cit.*, 202).

(1) *Ed. cit.*, pág. 175.

tum vero quod nullus liber est elegantior» (1). Mas o que seria dúvida, é hoje certeza, em face do livro columbino, e assim há que acrescentar à lista tradicional da sua bibliografia, na qual avultam as numerosissimas edições das *Institutiones in linguam graecam* (2), o *T. Liuii Patauini Historici, ab urbe condita decadis prime, liber I, ad utilitatem studiosorum, in formam enchiridii redactus.* Salamanca, 1533.

Publicando-o, Clenardo não quiz, como êle próprio confessa, limitar os benefícios do seu método e do seu trabalho a D. Luís de Toledo, porque, como pedagogo, liberalmente desejava concorrer para a formação humanista da mocidade salmanticense, que se anunciava tão prometedora e gloriosa para a Espanha. Em Dezembro dêste ano de 1533 (3), a convite de D. João III, e por intermédio de André de Resende, vinha para Portugal dirigir a educação do infante D. Henrique, o futuro Cardial-Rei. Não poude assim no ensino oficial da Universidade, na qual entrara em 5 de Novembro dêste ano, encaminhar os jovens estudantes, como tempos antes fizera no magistério extra-universitário; mas a raridade dêste livro parece provar-nos não ter sido necessária a acção da sua presença para que os exemplares se consumissem nas mãos dos alunos. Aconselha-lo hia, porventura, João Vaseu, se é que o não adoptaram os mestres

---

(1) *Ed. cit.*, pág. 155.

(2) Vid. em Chauvin et Roersch, *ob. cit.*, pág. 190 e seg. a enorme lista das edições. Por esta extraordinária difusão se compreendem os versos de Lafontaine:

> Un écolier qui ne s'amusait guère
> A feuilleter Clénard et Despautère.

(3) G. Cerejeira, *ob. cit.*, 1, pág. 41-5, lucidamente demonstrou, ao arrepio da cronologia tradicional, que Clenardo e Resende em fins de 1533 já se encontravam em Évora.

salmantinos de latim? (1). Documentando um dos momentos do método pedagógico de Clenardo, êste livro tem ainda para nós o valor de conter uma epístola dedicatória do seu editor a Fernando Colombo. Da vária correspondência que Clenardo dirigiu ao insigne bibliófilo, salvou-se apenas esta epístola, desconhecida de todos os editores do epistolário clenardiano (2), e na qual se faz o primeiro elogio da famigerada biblioteca Fernandina (hoje Columbina), que anos depois, em 1538, Clenardo visitaria como hóspede do seu organizador (3). A sua exumação integral após alguns séculos

(1) Não encontramos uma resposta a esta dúvida; mas ninguem melhor que o insigne humanista-historiador do Trilíngue de Salamanca (*Vária. Notas y apuntes sobre temas de letras clásicas*, Madrid, 1916) e acuradíssimo biógrafo de *Francisco Sanchez de las Brozas* (Madrid, 1923), o Prof. P. U. González de La Calle, a pode resolver.

(2) Posteriormente às colectâneas dêste epistolário, a última das quais é a do Sr. Joaquim de Vasconcellos, já citadas, sabemos apenas da descoberta duma carta de Clenardo, dirigida a Aleandro. *(Ornatissimo viro et trium linguarum callentissimo Reverendissimo Domino domino Hieronymo Aleandro, Archiepiscopo Brundurino Nicolaus Clenardus S. P. D.)* pub. por V. Chauvin e A. Roersch, *Une lettre inédite de Nicolas Clénard*. Louvain, 1902. As razões do desaparecimento deu-as Vaseu na carta transcrita na nota de pág. 16.

(3) Sôbre a formação da Columbina, escreveu posteriormente Clenardo: «Sub id tempus [1533] versabatur in Brabantia D. Fernandus Colón, cuius parenti Christophoro debemus repertas Indias. Sit pax et requies utriusque manibus, nam anno superiore [1539] defunctus est Hispali Fernandus: qui, ut plerique nostis, Europam universam hac gratia peragravit, ut quas haberet opes memorabili cuipiam consecraret parandae bibliothecae. Eam contemplatus sum nuper Hispali, omne genus libris refertissimam». *Epistola ad christianos*, pág. 232 da ed. cit., cf. *Ep. a Latomo*, ed. cit., pág. 25. Garcia y Matamoros fez-se eco dum excessivo cálculo, pelo que hoje nos elucidam os *registra* de Fernando Colón, ao referir-se à Columbina: «... F. Colonus prope aequalem vitae dignitatem in otio tenuit, quam pater in negotio habuit. Nam ut erat eximius singularisque philosophus, aedes ad Baetim operose magnificentissimeque aedificavit in loco salubri et amoeno, Musis etiam

constitue o mais vivo depoimento da comunhão espiritual que ligou êstes nobres espíritos, cujos talentos, por formas diversas, tão formosamente ilustraram e serviram a cultura peninsular.

MAGNANIMO AC NOBILI VIRO,
DOMINO FERNANDO COLONI, MECENATI SUO,
NICOLAUS CLENARDUS. S. D. P. (1)

Inter tam varia mortalium studia, summus ille rerum artifex deus, hanc mentem quibusdam dedit: ut tanquam aliorum nati commodis, se totos publice devoverent utilitati. laborem, pericula, duraque omnia contemnerent: modo suscepto munere, aliquo cum fructu fungerentur. Imo vero in plerisque adeo insignis haec virtus enituit: ut certissimis obiecti discriminibus, nulla penitus bonorum expectatione, tamen animi sublimitatem in publica commoda nitentis, vel mortem oppetendo, testandam esse putarent. scilicet non eventum quicquam detrahere glorie, sed excelsa consilia merito sibi laudem omnem vendicare. Quanquam tamen egregiis viris, recta fiducia fretis, fauere potius consueuit fortuna quam inuidere. ita enim natura comparatum est: ut

---

maxime convenienti. Has circum topiario opere exornavit, ubi constructa quam amplissima bibliotheca, quae viginti quinque librorum milia dicitur habuisse, tum annuis dotata reditibus, ne non quotidianis librorum accessionibus aucta periret, vitam cum studiis terminavit». *De adserenda Hispanorum eruditione... Op. omnia.* (Madrid, 1769), pág. 75. Os cálculos mais seguros levam a êste número: 15.370 vols. entre impressos e manuscritos. Aludimos a êste ponto nos *Excerpta Bibliographica ex Bibliotheca Columbina.* (Coimbra, 1925), pág. 4. Matamoros refere-se à celebrada *huerta de Colón,* na qual se teria hospedado Clenardo.

(1) Devo cordiais agradecimentos ao amigo e colega Carlos Simões Ventura pelo auxílio na revisão dêste texto, no qual vão desdobradas as abreviaturas.

quemadmodū inertia, ignauiaque rebus omnibus officit: ita contra, nihil tam alienum a spe, quod non industria parare, et sedulitate seruare augereque possis. Hinc ciuitates, hinc regna, hinc quicquid artium est humanarū proficiscitur. dum sapientissimus deus, qui unus uniuersa per se ipse administrare potest, in maximi momenti operibus, portionem aliquam obeundi muneris, humanis impartitur ingeniis. Quo factum est: ut antiquitas, velut beneficiorum memor, bene meritos viros in celestium numerum retulerit. Et profecto sic ubi alias supra reliquos, honorifico titulo cohonestandi sunt, hic certe homo homini deus, ut habet prouerbium, non iniuria censeatur. non quod immodica gratitudine lapsi, et errore ceci, in scelus impietatis abeamus: sed quia adeo preclaris dotibus prediti, dignum egregie factis nomen, in ordine suo non repererunt. Itaque quorum auspiciis, ductuque diuina geri cernerent: iis diuinam quoque appellationem non inuiderunt. Quorsum inquies, ista tam longo repetita principio? Nimirum cum mihi in mentem venit fortissimi illius Herois, Christophori Colonis, patris tui, facile omnium retro miracula seculorum euanescunt. Prorogatum terra marique imperium, urbes condidisse ingenti vastitate, monstra domuisse, bellis triumphos reportasse, et breuiter omnes antiquorum glorias pre Colonibus / nihili duco. Quis enim unquam animo concepit victoriam, ubi hostem ne fama quidem cognouisset? quis ante patrem tuum, extra hunc orbem immortalitatis laudem quesiuit? Alii domi, alii peregre, clari atque inclyti euaserunt. nemo tamen ultra mundi huius pomeria ad regnum aspirare sustinuit. At noster hic Christophorus, quasi angustis nimium terminis clauderetur, si vulgata, communique via, ad bene merendum de omnibus grassaretur: Indiam nouam, noua regna, inauditas omnibus cosmographis gentes, et sagaciter inuestigauit, et regibus Hispaniarum feliciter arrogauit: haud aliter profecto, quam si deus orbem alium proferendis imperii finibus procreasset. Sed quemadmodum solet filius,

corporeis lineamentis referre patrem: ita haud raro fit, ut indole quoque animi eundem exprimat, ceterisque moribus respondeat. Itaque tuus ille parens stupendo miraculo, ditionem cultumque Hispanorum alteri mundo inseruit: tu velut beneficii paterni gratiam recepturus, omnium gentium sapientiam in Hispaniam congeris. Quid enim aliud dicam de illa bibliotheca, quam aliquot iam annos, tot tantisque exantlatis laboribus moliris? Sane sumptu, magnificentiaque mirum in modum spectande sunt edes iste tue His / palenses: at multo magis librorum thesauris commendande: quo inde proferre liceat, quicquid usque scriptorum exortum est. Quas diuitias, literatasque opes, ut undique vel e penitissimis angulis erueres: iam semel atque iterum dulci relicta patria, uniuersam ferme Europam perlustrasti: nullo neque pecuniarum dispendio, neque viarum periculo deterritus. Nouissime vero, cum iam uniuersa peragrata Germania, me quoque peregrinationis comitem sumpsisses: quam subinde capitalibus molestiis fueris afflictus, ipse locupletissimus sum testis: ut nisi infractum aduersus omnia mala deus animum dedisset, sustinere nullo pacto potuisses. Sed sine controversia in fatis esse auguror: ut tua industria partam habeat Hispalis, omnium seculorum bibliothecam celeberrimam. Ego interim, dum remoras tui tam salutaris consilii contendis proximis mensibus abrumpere: ita ut studiis nostris iam olim conuenire visum est, Salmantice me Arabicis literis saginaui. videorque mihi hoc saxum non omnino citra frugem voluisse: sed ad iustam rei cognitionem peruenisse. Et quamuis iam plane me in Arabiam demersissem, quasique Musis omnibus reliquis nuntium remisissem: tamen, quum id scriberes tibi gratum futurum, curam suscepi generosissimi ado / lescentis. D. Ludouici a Toledo: presertim cum et Reuerendissimus Dominus. D. Episcopus Cordubensis idem expetiuisset. Quod quidem onus alioqui iam cursus studiorum meorum detrectabat: verum adeo feliciter cecidit, ut me istius opere nunquam

penituerit. Si quidem hic meus, quem dico, discipulus, cum primo in familiam me ingressum ne intelligere quidem potuisset, nedum latine loqui: tamen spacio quadrimestri eo usque promouit, ut etiam themate proposito, memoriter orationem habere sit ausus idque sepius. Quod si illud haud quaquam penitendum duci debet: plurimum humanitati tue debetur, plurimum laboribus meis ipse me consolor. Proinde cum viderem tam fecunda Hispanorum ingenia, et tam uberem in ipsis excolendis repositum fructum: cepi consilium, ut in gratiam Salmanticensis iuuentutis, presentem estatem insumerem: partim ut apud te ocii mei constaret ratio: partim ne contra morem meum aliquid admitterem. Nam cum et Louanii semper studiosorum commodis me tradidissem, et Lutetie nuper literata peregrinatione mensibus aliquot vixissem: equum esse credidi, ut Hispanie quoque tue pro modulo virium me commodarem. Initium a Grecis fecimus, omine satis dextro, / spe atque expectatione non admodum exigua. Nam mihi quidem hec Academia, prorsus ardere videtur Grecarum literarum amore. easque dictu mirum, quanta frequentia sequantur. Illud certe faustum sit oportet, quod recta hic studia nulla grauantur inuidia. Quod si, que genti est constantia, in iis quoque literis pergere, ut cepit, instituat: propediem cernere erit Hispaniam ut belli gloria, ita literarum ornamentis cum ceteris omnibus nationibus certare. Eoque magis magisque me iuuat, discipulorum animos erigere, et pro virili parte prouehere. Ceterum, quando doctissimus quisque Latina Grecis iungenda precipit: hac etiam parte nostre huic Academie operam meam nauare conabor. Idque eo facio libentius: quod post trium linguarum studia, Hebraice, Chaldaice, atque Arabice, tanquam e pristino mihi ad veteres Musas redire videar. ut si quem forte situm apud me duxit Latium, aliorum institutio velut delimet atque expoliat. Neque tamen quemuis temere huic rei scriptorem delegimus: sed lactea

eloquentia Liuius ille potissimum arrisit. tum quod preter dictionis munditiem, argumenti etiam lenocinio non solum blandiri, verum et conducere potest: tum vero maxime, / quod rem feliciter in uno illo meo tentatam discipulo, publice omnium utilitati communicare volui. Itaque primum Decadis prime librum prelo commisimus: ut post hac sine immenso sumptu, multis freti exemplaribus, multos eadem, qua unum illum, ratione formemus: et quemadmodum unus ille te authore fructum aliquem est consecutus: ita quicquid ipsius exemplo ad plurimos utilitatis manauerit, id omne tibi acceptum merito ferant: mihi vero discipulorum profectu gaudere liceat, qui Hispaniam te auspice et duce sim ingressus. Bene vale vir ornatissime: et bibliothecam istam librorum supellectile, quod strenue facis, in dies magis cumulare perge. Salmantice, Anno. M.D.xxxiij. pridie Idus Maii.